

O tranqüilo "bairro da violência"

"Furazóio": de perigoso, só o nome

"Isso aqui? Isso aqui nunca foi violento. Tudo o que se diz é pura estória". Vila Tofanelo. Entre o Parque Brasília, Jardim Bela Vista, Jardim Boa Esperança, Jardim Margarida, Jardim Novo Taquaral e Jardim Flamboyant, o mundo parou. E parou de estancado, obrigado, fechado, marcado entre três ruas e um passado. Um passado que vez a colônia Tofanelo, criada para abrigo de empregados ou (as hipóteses variam) para "salvar a fazenda de ladrões de bananas" se chamar Furazóio. E foi um acontecimento único, numa região onde a violência inexistia, que transformou a realidade tranqüila de três ruas, onde todos se conheciam, em um antro de marginais, um lugar onde o perigo espreitava. Porém, quem conhece a Vila Tofanelo, ou Furazóio, logo descobre que o tempo apenas esqueceu de passar, em paz.

Texto: Ronaldo Faria. Fotos: Artur Passarela

"Tradição? Esse lugar é uma tristeza"

Para se chegar à Vila Tofanelo, ou Furazóio, tem dois caminhos: a Av. Con. Antônio Pompeu de Camargo ou a Rua Floriano de Azevedo Marques. Entre essas duas vias, fechada como num gueto, a Vila Tofanelo resiste no tempo e no espaço, exíguo, pequeno, calado. Porém, qualquer que seja a forma de se entrar nesse mundo de passado, as duas entradas dão uma única visão: nas suas vias estreitas, entre algumas casas que ainda resistem ao presente, a terra que cobre o chão viu "a última malandragem pura de Campinas florescer".

"Você acha isso tradição? Esse lugar aqui é uma tristeza, um aborrecimento. Antes fosse tradição. Mas, se você for um bom repórter, pode ser que consiga retirar alguma coisa daqui". Seu João Elias, dono de uma venda na Rua Mogi-Guaçu, é a ponte de entrada para quem quiser conhecer o Furazóio. "Eu vim pra cá quando isso ainda era mato, com o bonde passando por aqui. Mas quem pode falar mais é ele". Ele é o Seu Silvino da Silva, de 86 anos, "o morador mais velho de Campinas", como ele se define. E foi através da dificuldade de se obter dados precisos pois eles ou estão guardados em suas casas, com alguns velhos moradores, "os veteranos", ou simplesmente sumiram no tempo ou em novos endereços, que a trajetória do Furazóio fez do clima de terror e pânico "das lendas dos marginais armados até os dentes entre mulheres mundanas em cabarés cheios de fumaça" o seu inverso.

O início da lenda, num fim de baile

"Hoje sim é que é difícil de se viver aqui. Atualmente, tem uma certa hora que você não pode sair de casa. Quem diz que aqui era um lugar violento não conhece a verdadeira estória". A verdadeira estória aconteceu em 1952. Numa noite daquele ano, depois de uma festa de "brancos", o Furazóio nasceu para a lembrança da cidade.

"Um negrão quis entrar no baile e se danou. Os bailes da época tinham um leão-de-chácara, e no daquele dia era o Maneco Simões, o Manecão. O

negrão começou a se meter e o Maneco acabou com o baile. Na volta, perto da linha do bonde, mas já no Cambuí, e não na Vila Tofanelo, o fato aconteceu". Manecão, depois de uma discussão com o rapaz, pegou uma pedra e atirou contra ele. Atingido, o rapaz caiu no chão e bateu com o olho direito num bambu, vazando-o.

"Daí o nome Furazóio, que acabou pegando e ficando". João Elias completa a sua colocação. "Charuto é que pode falar direito sobre tudo". Antônio Gabriel, de 53 anos, ou Charuto, como é conhecido na região, é o antigo pandeirista e batuqueiro, que animava os bailes, com os seus 10 músicos do Antônio Gabriel e Cia. "E mentira, eu sabia quando era baile de preto e baile de branco. E nesse dia eu estava namorando com uma neguinha".

O progresso, avançando lentamente

E aos poucos o nome foi pegando, e ficando. O tempo passou mas o apelido não. Vila Tofanelo, construída por um imigrante, Rafael Tofanelo, para abrigar os seus empregados da plantação de bichos-da-seda (ou para impedir que ladrões continuassem invadindo as plantações de banana), ficou com as suas três ruas pequenas e estreitas tendo uma imagem que nada dizia da verdade.

"A pinga da Venda Nova faz cantar e faz chorar". Os italianos, reunidos em torno de um barzinho, começaram a habitar os lotes e as casas clandestinas, criadas sem planta, "no olho", como afirmou o seu fundador. E em cada festa, munidos de viola e de sanfona, guardando as libras recém-trocadas na esperança de um dia voltar, os colonos davam uma nova alegria à região. "O que eu acho é que nós, quer dizer, a região aqui, não estava preparada pra crescer. Ou seja, ninguém nunca poderia esperar que a cidade chegasse até aqui".

Mas ela chegou. Chegou quando o primeiro automóvel correu as fazendas da área. "Era de um fazendeiro rico, o Fausto Ferreira, de Cabras. Uma vez por ano as estradas eram consertadas e, por azar, ele acabou morrendo nesse mesmo carro, ao tentar, em São Paulo, ultrapassar outro motorista sobre uma ponte". Desen-

de suas próprias cegueiras: o medo de ver seus pares se agasalhando em trapos e mesmo assim sorrirem e cantarem: sorriso e canto de quem sabia e vivia o que é justo e solidário.

DIABO LOIRO

Foi num feriado de pobre, anuviado/Num domingo entardecido/No bairro do Furazóio/Hoje Tofanelo./Diabo Loiro era procurado/por quatro viaturas cheias de metralhadoras/E de soldados./E na fuga alucinada/Fugindo da cachorrada/Arrebatou vários varais./Quebrou telha, coisa rara/Fez goiteira, coisa velha/Um pindo a mais que ninguém ia notar.../Interrompeu uma pelada pelo meio/E salvou um passarinho/Que no susto escapou de um alcapão/Novamente Diabo Loiro/Perdendo o canivete/Mas ganhando a liberdade que era de



Cercada, como num gueto, a Vila Tofanelo, o antes temido "Furazóio", resiste ao avanço do progresso



Antro de marginais? O bairro hoje é o retrato da tranqüilidade



Nas ruas poeirentas, o antigo "território da malandragem"

volvimento que chegou junto com o bonde que saía do Rosário com dois burros puxando, pegava a General Osório, onde mais um burro era atrelado para subir a ladeira, e depois descia a 13 de Maio e a Dr. Quirino, chegando ao Liceu.

Porém, o que iria "transformar o lugar" era a Cabrita. Trem comprado nos Estados Unidos pelos fazendeiros para que eles despejassem a sua produção no mercado, ia de Cabras, passando por Vendas Novas, Joaquim Egídio, Sousas e

Campinas, terminando sua linha na Fepasa. Foi com a Cabrita que o progresso bateu nas ruas cheias de buraco e areia.

"Aí as mudanças em volta começaram a ocorrer". Dos milharais e cafezais, das glebas plantadas e das grandes fazendas, começaram a brotar casas, ruas e pessoas. Mas a Vila Tofanelo, o Furazóio, foi ficando escondida no seu emaranhado de mistérios e lendas, onde bares como o "sete facadas", que para muitos existiu, exprimia o medo de se chegar até aquela área.

estimação/Novamente, no dia seguinte/Vai ser manchete para vender jornal/breque: na social de ladrão!/Jejuados longos tempos se passaram/Que nem o tempo consegue lembrar/Diabo Loiro maltrapilho e sujo/Se entregou de fome como faz todo ladrão/Dizendo que a bala não fere tanto/Quanto a saudade e a solidão/E assim trocou a sua vida de gato/Pela vida de cachorro comportado na prisão/breque: pensou de ladrão!/Atualmente, ele cumpre penitência na cadeia/Comendo muito bem mais do que amassou/Poré, Diabo Loiro resistiu não deu serviço/Com um garrancho/A promissória de bandido assinou/Que vai ser saldada com juros de sova/Restos de comida e tocos de cigarros/Assim portanto de outro nome/Vou chamá-lo/Pois quem sofre o que ele sofre/É santo e não diabo...



ZEZA AMARAL

Zeza: comecei lá

Tofanelo e sua vila, resistindo ao tempo

Com o decorrer dos dias e meses, "os marginais do Furazóio" ficaram entre os trilhos, o canal, até então limpo, da Comendador Antônio Pompeu de Camargo, e o esquecimento. "Por volta de 53/54, o Luis Brochado começou a tentar dar ao lugar um aspecto juridicamente correto, normalizando as plantas das casas, que deixariam de ser clandestinas".

Mas, nem isso foi adiante. As casas iguais, pequenas, criadas pelo "arquiteto" Rafael Tofanelo, continuaram clandestinas, assim como sua estória e os seus moradores. "Hoje, o melhor seria mesmo se derrubar tudo e se construir novas casas, porque, veja bem, a Floriano Azevedo de Marques ainda dá pra se asfaltar, mas a Rua B, por exemplo, a pior em condições, é tão estreita que não há como você mudar ou asfaltar".

O criador de todo o sonho, Rafael Tofanelo, com quase 90 anos, ouve o seu amigo de bar falar. Ele, hoje, sempre encontrado num armazém da Rua Floriano Azevedo de Marques, onde há poucos metros também tem a sua casa, não consegue mais lembrar os tempos áureos da Vila. "Isso que você está fazendo é pra melhorar ou pra piorar!" Italiano, vermelho, com um grande corpo, ainda forte, Seu Rafael Tofanelo não acredita mais que a sua criação, tal e qual Fênix, possa renascer das cinzas.

"Todo mundo fala que faz e acontece, mas não passam de promessas", afirma. "Ele agora não consegue mais falar coisa com coisa, mas ele já fez o progresso, ele construiu a vida". Um amigo do Seu Tofanelo, ajudando a entrevista e orgulhoso por morar na Vila ("Só tem gente boa") completa a frase. Entretanto, triste, mexendo muito na aliança, numa tarde quente de sol, como que querendo esquecer o pas-



Tofanelo: pra melhorar?

sado, Rafael Tofanelo apenas reafirma, enfático: "Isso é pra melhor ou pra pior!"

Deixando o velho fundador na grande roda de amigos e passando pelas Ruas Esquecidas, o clima é totalmente diferente. Velhas senhoras varrem a frente das casas, com um levantar de poeira enorme, como se aquilo fosse dar um novo aspecto às moradias; crianças seminuas, shorts rasgados e sem camisa, magras, driblam os "passos dos malandros e fazem gols de um futuro sem perspectivas"; e os velhos moradores, "os veteranos", relembram o passado como quem tira o do presente a certeza de um novo futuro.

Todos querem esquecer as "mentiras"

Bar do Seu João Elias: manhã. "O importante é esquecer de vez todas as mentiras inventadas. Quem fazia bagunça era o pessoal que vinha de fora. As nossas festas, no galpão aonde hoje é uma Igreja de crentes, na Rodolfo Forster, eram calmas, e todo mundo se entendia muito bem". Charuto, sentado do lado do Seu Silvino, entre um riso solto e o lembrar que não está trabalhando porque está com a asa (o braço) quebrada, mostra que todas as lendas, dos bares das múltiplas facadas, não passam de invenções.

"Eu, por exemplo — fala João Elias — só lembro de um crime horrendo, feio. Foi logo depois do caso do Furazóio. Uns marginais que vieram de fora se dezentenderam e, depois de uma briga, acabaram castrando um rapaz. Essa é verdade, pois eu vi com os meus olhos. Castraram o rapaz e penduraram as "suas coisas" numa cerca de arame farpado, depois de terem jogado ele num trem pra São Paulo". "Mas tudo isso é porque você é calmo mas não é carneiro — completa Charuto. Se mexem com você, você tem de reagir. E ou não é?"

Mas, descobrir Vila Tofanelo, ou Furazóio, sem nunca ter convivido um dia inteiro com os seus moradores e seus personagens tímidos e arredios, que pouco falam e não querem dar entrevistas ("O repórter, se vo-

A crônica de um "bairro proibido"

Era um bairro proibido. Temido por todos e até pelos policiais. Mas lá existia os melhores campinhos e os mais lindos mangueira.

Meus amigos viviam lá e eram bons amigos. Com o tempo aprendi que o medo das pessoas advinha da triste realidade que circundava e absorvia aquele bairro. O bairro do Furazóio.

E o medo das pessoas desaparecia quando os primeiros tamborins repicavam no ponto final do bonde 4, no alto do Taquaral.

Quando os furazoienses despiam suas fantasias, o medo voltava a rondar...

Foi lá a minha primeira cana e o meu primeiro beijo na testa da Lua: pinga com groselha, escorrendo pela garganta e acordando os meus olhos para os meninos que calçavam a lama e se banhavam na chuva.

E descobri que o medo das pessoas era o medo que elas possuíam

Balão da Brasil sai? Já há os que apóiam



No balão, a vigília dos moradores continuava ontem

Técnico contesta a solução da Prefeitura

Durante todo o dia de ontem foi grande a movimentação de populares na praça do balão, havendo sempre quem estivesse de plantão para impedir uma derrubada repentina da árvore. No início da noite, mais de cinquenta pessoas estavam reunidas, entre críticas à comissão, e decisões de continuidade de luta. Mas o grande destaque acabou sendo a presença do professor Antonio Secundino, da equipe de Engenharia de Sistemas da Unicamp, e que é especialista em tráfego urbano. Ele contestou radicalmente o maior argumento da Prefeitura para retirada do balão, ou seja, o de que ele vai obstruir o fluxo do tráfego.

— É uma norma amplamente aceita em tráfego, a de que os balões servem exatamente para escoar o fluxo de veículos. E sobretudo num local como esse, o balão torna-se mais necessário, já que aqui se encontram sete ruas. Sem ele esse local vai virar um caos.

O professor, que juntamente com outros três companheiros seus da Unicamp, da equipe de Engenharia de Sistemas, emitirá hoje um parecer sobre a questão, completou a sua informação dizendo: "à primeira vista eu precisaria ter acesso a dados sobre o fluxo exato de tráfego no local para emitir uma opinião (mais segura) tirar o balão e manter as ruas com as mesmas mãos de direção não vai resolver o problema de circulação".

Outro ponto defendido por Secundino chocou-se também radicalmente com as argumentações da Prefeitura. Para a Secretaria dos Transportes, a retirada do balão atende também uma reivindicação dos moradores que exigem mais segurança no local, e que por isso ela

se decidiu pela colocação de semáforos, e que eles, na opinião dos engenheiros da Secretaria, são inconcebíveis antes de um balão. O professor contra-argumenta:

— Não há nada que tecnicamente sustente essa posição. Na França, por exemplo, há semáforos inclusive no centro das rotatórias e os resultados são os melhores. Uma outra coisa: é preciso se saber se eles vão colocar um terceiro tempo nos semáforos para a travessia dos pedestres, o que ainda não existe em Campinas. Se isso não for feito, os moradores vão continuar em condições de segurança para a travessia, pois quando os semáforos estiverem fechados para um lado, estarão abertos para o outro.

Quando perguntado se aceitaria discutir o projeto com o Secretário de Obras do Município, que ontem disse não discutir o assunto com matemáticos, Secundino respondeu afirmativamente, "desde que eu possa ter acesso a todas as informações sobre fluxo de veículos. Eu aceito o desafio de apontar uma solução alternativa".

As posições do professor da Unicamp se alinharam com a nova decisão dos organizadores do movimento, que vão partir para tentar o apoio de outras entidades ligadas à ecologia e ao trânsito. Nesse sentido, o Sindicato dos Engenheiros já emitiu um telegrama ao prefeito José Nassif Mokarzel: "Apelamos a Vossa Excelência para conservar a árvore da avenida Brasil. Considere esse Sindicato dos Engenheiros possível encontrar colegas especialistas que viabilizem alternativas salvando a árvore. Apelamos para que sejam contratados". Assina o presidente, Antonio Carlos Marascalohi Júnior.

Passado o primeiro impacto da imagem do estudante acorrentado à árvore, mobilizando atenções, a polêmica em torno da retirada do balão na avenida Brasil entra agora numa fase amena, onde a administração pública tenta de todas as formas convencer a população dos méritos do projeto, e os moradores aumentam a mobilização, procurando agora o apoio de entidades ligadas a engenharia de tráfego e à Ecologia. Ontem à tarde, uma comissão de Moradores do bairro foi recebida pelos Secretários de Transportes, Antonio Siqueira, e de Obras, Istamir Seraphin. Depois de duas horas de reunião — à qual a Imprensa não pôde ter acesso — a Comissão acabou se dividindo, com no mínimo três dos seis integrantes aceitando as argumentações dos Secretários.

Trazendo o abaixo-assinado com aproximadamente 800 assinaturas, a Comissão entrou para a reunião com o objetivo de tentar demover a administração pública do projeto inicial, e pedir uma reconsideração, de acordo com os protestos dos moradores.

Quando a Imprensa entrou na sala onde foi realizado o encontro, o Secretário de Transportes recebeu os repórteres, eufórico: "nós queremos que vocês perguntem agora o que eles estão pensando do projeto". O primeiro morador a falar, mostrava-se algo inseguro: "nós não estávamos sabendo o que era exatamente o projeto.

Agora entendemos melhor as razões dessa obra, mas não sabemos como vamos transmitir isso para que eles (ele se referia às pessoas que assinaram o abaixo-assinado) aceitem. Vamos levar ao conhecimento de todos. O Istamir quer que nós chamemos mais gente para vir aqui. Gente de nível elevado, de gabarito".

O Secretário de Transportes interveio então, pedindo que a Imprensa entrevistasse a senhora Vitória Gonçalves Peres, orientando mesmo que um repórter de rádio ligasse o gravador (o que acabou gerando um ligeiro atrito, já que o repórter respondeu que a entrevista era ele quem

decidia como fazer). A dona Vitória falou:

— Tem que ser urgente essa obra da Prefeitura. Eu gostei muito da idéia, e acho que a situação vai melhorar muito para toda a população.

Eu que moro ali e sei o número de acidentes que já aconteceram porque não dá para as pessoas atravessarem a avenida para ir na Padaria. Eles vão colocar seis semáforos. Eu entendi a idéia deles e sou totalmente favorável.

Outra moradora, Marina Santoro, disse aceitar alguns argumentos dos Secretários quanto ao tráfego. "mas não há dúvidas de que vai acontecer uma descaracterização total da região. Mas nós não podemos decidir pela população. A nossa função aqui é apenas trazer a opinião dos que estavam na praça e o abaixo-assinado. Quem vai resolver é a população. Mas eles (os Secretários) já disseram que a obra seria feita de qualquer maneira porque tiveram avaliação de órgãos superiores".

Outra moradora, que reside na própria avenida Brasil, também disse ter sido convencida de que o projeto vai melhorar o trânsito da região, e que assim, passaria a tentar também convencer os seus vizinhos.

Istamir já está otimista

Tal como Antonio Siqueira, o Secretário de Obras, Istamir Seraphin também estava exultante com os resultados da reunião com os moradores: "eles próprios da comissão vão tentar convencer a população. Hoje esteve aqui uma equipe mais responsável. Na reunião anterior estiveram aqui uns elementos intrusos, sem o devido preparo mental, e que com muita ignorância acabaram perturbando a reunião. Um deles, um matemático, quis contestar comigo um projeto de trânsito, e de forma agressiva. Eu só tinha que botá-lo para fora da sala mesmo. Hoje, à luz do projeto, e com as explicações do Dr. Siqueira, foi possível chegar-se a um consenso".

Istamir reafirmou a sua posição de que ao invés de devastação, o que

acontecerá no balão será uma ampliação da área verde: "e além disso, nós iremos fazer o transplante da tipuana usando uma técnica americana, com grandes chances de que ela venha a ser preservada. Só mesmo numa fatalidade é que a árvore poderá morrer. Mas isso é um risco que qualquer humano também corre quando tem de fazer um transplante". O Secretário garantiu ainda que antes da volta do prefeito a Campinas (provavelmente sexta-feira), nada será decidido em relação à continuidade das obras. "Só o prefeito é que vai decidir agora".

Antes disso, no entanto, o Secretário disse acreditar numa mudança de opinião dos moradores, com o apoio ao projeto na forma original.

Pucc: alunos obtêm uma vitória parcial

Apenas a reivindicação do rebaixamento imediato das anuidades não foi aceita. Ontem, durante uma audiência de quase três horas, entre o Reitor da Puccamp, Heitor Regina, e estudantes da Universidade — representados pelo DCE e mais 17 entidades de base — muitas vitórias foram conseguidas pelos alunos, segundo Sérgio Luís, Secretário do Diretório Central. A pauta era extensa e muitas resoluções foram tomadas.

A única negativa do Reitor — o rebaixamento das anuidades — foi argumentada como "impossibilidade de se ter todos os dados necessários para o estudo à mão". Apesar dessa colocação por parte da Reitoria, os estudantes conseguiram a formação de uma comissão para agilizar o processo de levantamento dos dados. Ela será formada por três alunos, três professores, três funcionários e três pessoas da administração.

No que tange às mensalidades, outras decisões foram tomadas. A abertura da Secretaria de Apoio ao Estudante, que funcionava precariamente, será reiterada através de um maior número de funcionários trabalhando no setor. Quinta-feira ficou como o dia em que uma caravana do DCE e demais entidades irá a São Paulo, na Delegacia do MEC, para entregar um documento onde está subscrita a necessidade de verbas para a Universidade. Além disso, a Reitoria se prontificou a manter contatos com o MEC para pedir uma entrevista com a nova Secretária da Educação,



Regina atendeu parte das reivindicações

Meio-passe vai voltar segunda

A volta do meio passe para os transportes coletivos que trafegam nos Campus — CCTC e Especiais — que começa a ser vendido também na segunda-feira em postos dentro da faculdade e a proposta de se encaminhar ao Secretário de Transportes e ao Prefeito um projeto de passe universitário integral para os estudantes, foram outras medidas tomadas. Para o DCE, a vitória de ontem representa muito, porém, hoje à noite ele se reúne com as demais entidades da Pucc para determinar a estratégia de luta em relação ao único item não aceito: as anuidades mais baixas.

onde o problema da Pucc seria levado ao seu conhecimento.

Outra medida em relação às anuidades foi a de que no ano que vem haverá um único índice para os reajustes, e não departamentados, como esse ano. Para a alimentação a vitória obtida pelos estudantes foi a do rebaixamento do preço nos restaurantes, que volta para Cr\$ 150,00, com a venda

dos tickets começando segunda-feira. A construção de uma cantina no Campus II e o compromisso político e público do Reitor em reiniciar os contratos com as pessoas que atualmente exploram os bares da Pucc, foram outras decisões. Em 83, a administração das cantinas e restaurantes da Universidade ficará a cargo da Reitoria dos DAs e do DCE.

Droga e criminalidade: um assunto que interessa a todos

"Um assunto que deve ocupar a pauta de todo o brasileiro". Dessa forma, o professor Ayush Morad Amar, membro da Organização Mundial de Saúde e do Departamento de Direito da Pucc, abriu a 25ª Semana de Estudos Jurídicos e Sociais da Puccamp, segunda-feira à noite, no Castelo Mendes. A palestra "Droga e Criminalidade", proferida pelo professor, levou ao Teatro mais de 600 pessoas, entre estudantes de Direito, convidados e leigos.

Será um modismo? Essa foi a reflexão feita pelo professor Ayush em relação ao uso crescente de drogas na sociedade brasileira e no mundo em geral. "Mas, mesmo que seja apenas um modismo, temos de estudar o problema para tentar equacionar, controlar e superar essa realidade". Na abertura da palestra, o professor deixou claro que — para se inteirar da realidade dos viciados — tem que se ter como droga "qualquer substância química introduzida no organismo, que venha a alterar funções internas".

Segundo ele, essas drogas levariam a dois tipos de dependência: a psicológica e a física. "Há, no mundo de hoje, a dificuldade por parte da OMS em conseguir se levantar a tonelagem de sedativos utilizados por dia". E esse tipo de droga — o sedativo — seria para o professor Ayush a grande praga da atualidade. E por que os sedativos? "Durante uma pesquisa que a OMS fez em 1976 e no ano passado, viu-se que os adolescentes na faixa de 12 a 18 anos que já tinham se utilizado de drogas não tinham feito o primeiro contato com a maconha. Essa estava em quarto lugar. Os sedativos, tranquilizantes e analgésicos, conseguidos na própria casa, lideravam a lista".

A situação muitas vezes conflitiva que existe em muitos lares é que leva à essa busca, de acordo com o professor. "Mas se em casa o pai se utiliza constantemente de álcool e a mãe de cigarros, como quer impor uma linha de conduta ao filho, se os progenitores são viciados?" Para o estudioso, a atribuição de que seria o traficante de porta de escola ou pipoqueiro que induziria a criança ao vício é mentirosa.

"Inclusive muitos estudos se fizeram sobre o pipoqueiro que leva, através da maconha de sua pipoca, ao vício. Mas, me pergunto eu, se essa Pimônia ou Macoca passa pelo fígado e pelo estômago como o debilitantinho do menino, que nem sabe ainda ter alucinações, por não estar psiquicamente preparado, pode ficar viciado dessa forma. E apenas querer se transferir para a rua um problema que vem de casa", afirmou.

Para o professor, outra definição que deve ser esquecida

é a do traficante sujo e mal-encarado passando a droga. "Eu muitas vezes já pude constatar que também quem passa a droga são professores de educação física e bibliotecários, como tantos traficantes de colarinho branco". Mas a realidade é que hoje, através de estudos, em cada 100 alunos de ensino médio ficou constatado de que 15 já tomaram drogas. "Esse dado é do ano passado, mas se nós formos ver que em 76 era a proporção de 10 para 100 temos de nos preocupar".

APRIOLI Turismo Ltda
EMIRATUR 0800072006
 Representante Hotel Lagoinha, Ubatuba
INTERNACIONAL E NACIONAL
 Rua Luiz Gama, 245 Fone 42.1856

Feriado 7 de Setembro
 Rio de Janeiro/Petrópolis
 Foz do Iguaçu
 13 de Setembro
 Brasília/Caldas Novas

Saneamento: 100 anos em exposição

A partir de hoje, a população poderá conhecer um pouco da história dos 110 anos de abastecimento de Campinas — considerada atualmente cidade modelo em saneamento básico, sendo uma das primeiras do País a implantar o abastecimento domiciliar de água encanada. No mini-shopping (Shopping Center Iguatemi Campinas), a Sanasa estará contando essa história através de peças antigas, charafizes, mapas e documentos do século passado, posters e áudio-visual. Da mesma forma, estará relembando figuras como Campos Sales, Bento Quirino e Armando Sales de Oliveira, homens que trabalharam pela implantação do saneamento básico.

"Atendemos hoje mais de 95 da população com água encanada e 82 com redes de esgoto. Há mais de 20 anos aplicamos o fluor no tratamento da água, contando ainda com uma das mais modernas estações de tratamento da América Latina (a ETA-3)", ressaltou o prefeito José Nassif Mokarzel. "Por isso mesmo, é necessário dar conhecimento à população de como todo esse trabalho começou".

Acervo histórico

Todo o acervo histórico da Sanasa foi montado devido ao trabalho de um de seus diretores, o engº Aryzio Ribeiro da Silva que, ao longo dos anos foi recuperando velhas peças e guardando-as no Castelo do Chafariz. Assim, antigas manilhas inglesas utilizadas na primeira rede de água da cidade, hidrômetros de origem belga, alemã e americana, tijolos e azulejos originais da construção do Palácio dos Azulejos (sede administrativa da Sanasa), documentos e mapas do início do século foram formando a história do saneamento de Campinas, que poderá agora, ser conhecida do público em geral.

Dessa história, até mesmo o minúsculo corpo enrijecido de uma rã faz parte. No dia 8 de setembro do ano passado, mais de 400 mil pessoas ficaram sem água. A causa: a pequena rã provocou um curto-circuito num dos transformadores da captação do rio Atibaia, paralisando totalmente o sistema de abastecimento.



No Shopping, a exposição mostra a história do saneamento

GOE arrecada Cr\$ 60 mil em um chá beneficente

Cerca de 150 senhoras compareceram ao chá beneficente e bazar realizado pelo Grupo Oração Esperança, no salão da Igreja do Botafogo. Foram vendidas roupas, almofadas, panos de prato e outros artigos confeccionados pelas mulheres assistidas pelo GOE, resultando numa renda líquida de 60 mil cruzeiros. A sra. Margarida Maria Toledo Borghi, presidente do Grupo Oração Esperança, que é uma das obras filiais da FEAC e luta pela reintegração de prostitutas à vida familiar e à sociedade, explicou que o bazar, em vista do significativo êxito, deverá ser repetido em próximas oportunidades. A renda obtida é toda destinada às famílias das assistidas. O GOE está agradecendo a todos que ajudaram na organização do bazar, bem como, às pessoas que dele participaram.

Todos os dias, às SEIS da MANHÃ e SEIS DA NOITE, ouça

“MEDITAÇÃO”

alimento para o espírito.

Um programa feito à luz do Evangelho!

Texto e voz VIDAL RAMOS

ANDORINHAS, FM - CAMPINAS - INSUPERÁVEL!

ZYD - 810
103,7 MHZ



RADIO
ANDORINHAS FM
CAMPINAS